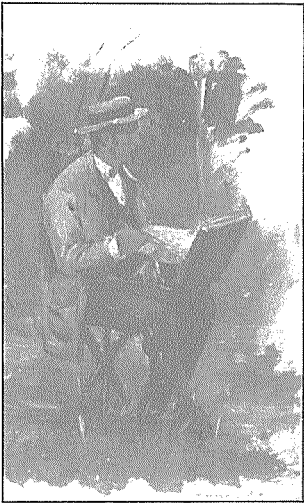




O TRIPEIRO

Director: Eng.º Francisco de Almeida e Sousa • Propriedade: Associação Comercial do Porto • Administração: Associação Comercial do Porto  
Sede: Palácio da Bolsa — Rua Ferreira Borges — Telef. 200 27 28 — 4000 PORTO • Fotocomposição e Impressão: Tipografia Uniarte Gráfica — Porto  
Dep. Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. N.º 107643 • Distribuição: Mário da Silva Braga, Lda. — R. Duque de Terceira, 271 — 4000 Porto  
Tiragem 5000 exempl. • Revista Mensal • Preço 500\$00 • Assinatura Anual: 5.000\$00



CAPA: Retrato de Silva Porto  
por Marques de Oliveira  
(Museu Nacional de Soares dos Reis)

7.<sup>a</sup> SÉRIE  
ANO XII / N.º 12  
DEZEMBRO \* 1993

SUMÁRIO

ANTÓNIO DA SILVA PORTO E A PINTURA NATURALISTA EM PORTUGAL — Por Raquel Henriques da Silva	354
A CIDADE DO PORTO E A RESTAURAÇÃO — Por Francisco Ribeiro da Silva	359
HOMENAGEM A HORÁCIO MARÇAL — Por Rui Moreira Sá e Guerra	367
O DR. ARTUR DA CUNHA ARAÚJO — Por Joaquim Pacheco Neves	373
COISAS DO PORTO — A AVENIDA DOS ALIADOS — Por José A. Rio Fernandes	378
VIDA CULTURAL — LIVROS — PINTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XX, EZEQUIEL DE CAMPOS e O ORATÓRIO DE CRISTÓVÃO COLOMBO	380
ACONTECEU HÁ 50 ANOS	383

## COISAS DO PORTO

# A Avenida dos Aliados

Por JOSÉ A. RIO FERNANDES

A Avenida dos Aliados, apesar de tão facilmente identificável na cidade e de ser até identificadora da própria cidade, é, de facto, muito jovem, no interior de uma cidade de longa e rica história. Remonta a 1 de Dezembro de 1916 o início da abertura da avenida, quando o Presidente Bernardino Machado demoliu simbolicamente a primeira pedra do edifício dos Paços do Concelho que se situava a norte da Praça da Liberdade, no local hoje marcado pela *menina* do escultor Henrique Moreira. E, como muitas das obras do Porto, particularmente esta, pela profunda transformação que implicou — com o derrube e construção de dezenas de imóveis — arrastou-se temporalmente, sendo possível associar a sua conclusão à do edifício do topo norte — o edifício dos Paços do Concelho — inaugurado em 1956.

Até 1916 existia apenas a Praça da Liberdade e, mesmo esta, há bem menos anos que a grande maioria das ruas e praças que constituem o chamado centro histórico. Todavia, estava já no início do século perfei-

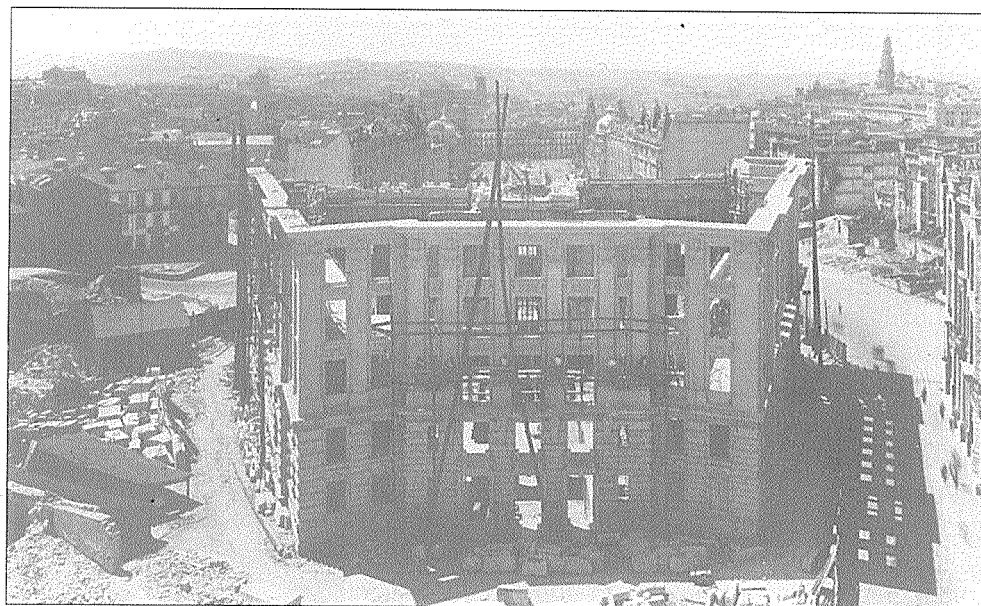
tamente identificado o centro da cidade, o novo centro saído do processo de industrialização, da afirmação do comércio retalhista e do significativo crescimento demográfico e urbanístico do Porto. E, é tal a popularidade que, então como hoje, a simples designação de «praça» bastava para a sua identificação.

Era a sede do contacto, da reunião, espaço de intensa ocupação funcional dos edifícios e de considerável afluxo de pessoas, local ao qual se associava a inovação (primeira praça de táxis, primeiro sinaleiro...) e o maior requinte retalhista (Livreria Moré, Café Suíço, Relojoaria Girod...). Era também a sede do poder civil e um espaço simbolicamente rico, com a bela estátua equestre de D. Pedro IV no centro e as prestigiadas ruas de 31 de Janeiro e dos Clérigos de ambos os lados, encimadas pelas imponentes igrejas de Santo Ildefonso e Clérigos.

Mas o espaço era exíguo e a cidade de princípios do século sentia a necessidade de evidenciar o seu dinamismo e, urbanisticamente, no seu centro, através da



As obras para a abertura da Avenida.  
(Foto Alvão)



A construção do edifício dos Paços do Concelho.  
(Foto Alvão)

amplitude viária, da força arquitectónica e, sobretudo, pela escala, afirmar a sua modernidade e o seu papel de sede regional do Norte e contraponto à capital do país.

A estes factores somava-se a exiguidade das instalações camarárias e a crescente dificuldade da Praça da Liberdade em centralizar e absorver o tráfego cada vez maior, reforçado com a abertura da Estação de S. Bento e da ligação ao tabuleiro superior da Ponte de D. Luís I.

Para a abertura desse espaço (Avenida da Cidade, ou Avenida Central, mais tarde Avenida das Nações Aliadas e por fim apenas Avenida dos Aliados), foram avançadas várias propostas, uma das quais, datada de 1891 e elaborada por Carlos Pezerat, sugeria a construção de uma avenida-jardim, propondo a ligação da Praça da Liberdade com a da Trindade através de um espaço viário e verde, definido como um passeio público e ao qual não faltariam fontes, corredores arborizados e até pequenas linhas de água.

A Câmara aprova um projecto para a Avenida da Cidade somente 24 anos depois, em Fevereiro de 1915, proveniente da 3.<sup>a</sup> Repartição Técnica da própria Câmara, elaborado sob a orientação de Elíseo de Melo. Na sequência deste acto, é convidado o arquitecto inglês Barry Parker para integrar uma comissão técnica constituída para apreciar este e outros projectos de melhoramento urbanístico da cidade. Mas Parker rapidamente toma a liderança do processo e vai responsabilizar-se pela reelaboração do projecto que deu origem à Avenida dos Aliados e à actual Praça do General Humberto Delgado, que tem manifestas diferenças relativamente ao traçado e arquitectura actuais, onde a graciosidade do conjunto se perdeu completamente a favor de uma

arquitectura de inspiração neo-clássica e onde a solução de continuidade entre as duas praças perdeu o sentido interligação de centros de comércio e área de passeio, gerando simplesmente um espaço de passagem.

Com a abertura da «Avenida», desaparecem as ruas do Laranjal, de D. Pedro, dos Lavadouros, etc. e dá-se uma profunda reestruturação da ocupação do solo, que se traduz no encerramento de pequenos estabelecimentos e escritórios, a favor da abertura de sedes e filiais de grandes empresas industriais, financeiras e seguradoras e intensa ocupação por profissionais livres. Perdem-se sobretudo cafés (Camanho, Internacional, Royal e mais recentemente Monumental e Astória) e ganham-se principalmente seguros, bancos, consultórios de médicos e juristas, gabinetes de arquitectos e engenheiros.

Terminada a «Avenida» o novo espaço é não só um prolongamento da exígua Praça da Liberdade mas, com a Praça do Município (Gen. Humberto Delgado), um espaço novo, simbolicamente rico e de inigualável prestígio na cidade. E, em finais da década de 30 esta área apresenta já características semelhantes às actuais: elevados preços do solo, fluxos de circulação intensos e uma grande carga simbólica.

De então para cá este espaço não parou de ver os volumes de circulação, os preços do solo aumentar e a intensidade funcional de se reforçar. Contudo, os últimos anos têm marcado não só uma diminuição das diferenças com outras áreas da cidade, como têm até assistido à perda de algum do protagonismo sócio-económico que desde há muito assumia indisputadamente, a favor sobretudo duma Boavista que emerge e se desenvolve espectacularmente na última década.